



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
ÁREA: IMPRENSA ALTERNATIVA

MOVIMENTO DE UM HOMEM SÓ
O JORNALISMO GONZO DE HUNTER S. THOMPSON

PAULA CAROLINA V. BUCAR F. LIMA
20780841

PROF. ORIENTADOR:
PAULO PANIAGO

BRASÍLIA-DF, Novembro de 2009
PAULA CAROLINA V. BUCAR F. LIMA

MOVIMENTO DE UM HOMEM SÓ
O JORNALISMO GONZO DE HUNTER S. THOMPSON

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo do UNICEUB – Centro Universitário de Brasília.

PROF. ORIENTADOR:
Paulo Paniago

BRASÍLIA-DF, Novembro de 2009
PAULA CAROLINA V. BUCAR F. LIMA

MOVIMENTO DE UM HOMEM SÓ
O JORNALISMO GONZO DE HUNTER S. THOMPSON

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo do UNICEUB – Centro Universitário de Brasília.

PROF. ORIENTADOR:
Paulo Paniago

Banca Examinadora:

Prof. Paulo Paniago
Orientador

Prof. Sérgio Euclides de Souza
Examinador

Prof. Severino Francisco
Examinador

BRASÍLIA-DF, Novembro de 2009

Este trabalho é dedicado aos rebeldes e
selvagens de coração.

Agradecimentos

À minha mãe e ao meu pai: as duas
pessoas mais importantes do mundo para
mim.

A Hunter S. Thompson, por ter existido.
E pela visita no meio da noite.

Aos meus guardadores espirituais, que
nunca me abandonam.

Ao meu orientador, por compartilhar o
entusiasmo.

Aos colegas Ataide, Karolina, Máira e
Juliana, pelas risadas impagáveis.

A todos os malucos revolucionários
geniais que me inspiram.

*Se você vai ser louco, tem de ser pago por
isso, ou então vai terminar na cadeia.*

Hunter S. Thompson

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Jornalismo tradicional e jornalismo literário.....	3
1.1. Jornalismo tradicional: objetividade, realidade e imparcialidade.....	3
1.2. Jornalismo literário e o movimento do <i>new journalism</i>	7
Capítulo 2 – Jornalismo gonzo: criador e criação.....	11
2.1. Hunter S. Thompson.....	11
2.2. Jornalismo gonzo: obras principais.....	19
Capítulo 3 – Jornalista gonzo: um caçador de tubarões na grande mídia.....	25
3.1. <i>Rolling Stone</i> e o peixe grande: o caso Watergate.....	25
3.2. Tubarões na <i>Playboy</i>	28
3.3. Peixe fora d'água.....	31
Conclusão.....	33
Referências.....	35
Anexo.....	38

Resumo

Esta monografia foi realizada com o objetivo de demonstrar o trabalho desenvolvido pelo jornalista norte-americano Hunter S. Thompson. Criador do chamado “jornalismo gonzo”, o repórter exerceu durante quatro décadas um tipo de jornalismo totalmente inadequado aos padrões tradicionais. Por meio da análise da vida e obra do autor, o presente trabalho visa afirmar que o jornalismo gonzo é inseparável da figura de seu criador e explicar como um estilo de escrita extremo e individual – que tornou cada vez mais tênue a linha de separação entre o real e o ficcional – encontrou espaço em veículos da grande mídia norte-americana e conquistou fãs e leitores fiéis ao redor do mundo, mesmo após o lamentável suicídio do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo gonzo, *new journalism*, imprensa alternativa, Hunter S. Thompson, revista *Rolling Stone*

Abstract

This monography was written with the aim to demonstrate the work of the American journalist Hunter S. Thompson. Creator of gonzo journalism, the reporter worked for four decades a kind of journalism entirely inappropriate to traditional standards. By analyzing the life and work of the author, this paper aims to guarantee that gonzo journalism is inseparable from the figure of its creator and to explain how such an extreme and individual writing style – that blurred the tenuous line of separation between the real and fictional – found space on vehicles of major U.S. media and won fans and loyal readers around the world, even after the unfortunate suicide of the author.

KEYWORDS: Gonzo journalism, new journalism, alternative press, Hunter S. Thompson, *Rolling Stone* magazine

Introdução

O jornalismo gonzo nasceu de uma mente inquieta. Hunter S. Thompson, jornalista *free-lancer* do interior dos Estados Unidos, parecia destinado a não ser mais um repórter alienado e burocrático de qualquer meio de comunicação inexpressivo. Em vez de se conformar, propôs o inimaginável dentro do exercício da profissão: a ruptura com a imparcialidade. Mais do que polêmica e irritação por parte dos tradicionalistas, criou um estilo inigualável de reportagem – parcial, subjetivo e autoral – e colaborou durante anos com alguns dos principais veículos da mídia impressa norte-americana.

Apesar do respeito e dos seguidores que conquistou pelo trabalho, o jornalista permanece para o grande público como figura um tanto folclórica. Tal situação deve-se aos questionamentos que surgem frente ao jornalismo gonzo. Como pensar em jornalismo sério escrito por um repórter sem qualquer compromisso com as regras do jogo de fazer notícia? Como saber se é Thompson ou Raoul Duke, seu alter ego, o verdadeiro narrador da história? Que tipo de matéria pode ser construída sem embasamento de isenção e imparcialidade? Como formar opiniões se os textos estão repletos dos próprios juízos de valor do repórter?

Dúvidas como estas levaram rapidamente as obras do “Bom Doutor” – como era conhecido por amigos e colegas de trabalho – às prateleiras sob rótulo de jornalismo literário. No entanto, será que o estilo de escrita e apuração desenvolvido por Thompson pode ser devidamente compreendido se encoberto por semelhante classificação? O modo “gonzo” de escrever resulta em jornalismo ou literatura? Poderia tratar-se de algo além das duas modalidades? O presente trabalho se dispõe a tentar trilhar um caminho que elucide satisfatoriamente essas questões.

Apesar de possuir lugar de destaque dentro do jornalismo literário – e talvez até por encontrar-se limitado ao gênero, que em si já não é encarado com muita boa-vontade pela mídia tradicional – a obra de Thompson ainda é pouco divulgada dentro e fora da academia brasileira. Tal situação revela certo preconceito, uma vez que expandir os horizontes é benéfico a qualquer pessoa, em qualquer profissão. Conhecer um estilo tão visceral de reportagem, obra de uma personalidade ousada, é de grande relevância para os estudantes de jornalismo. Acostumados a passar anos de curso aprendendo a ser mediadores da informação, e não necessariamente formadores de opinião, os alunos aprendem a se conformar com a prática burocrática do jornalismo. Porém, nada teriam a perder se, entre um *lead* e outro, entrassem em contato com um exercício criativo do jornalismo, muito bem executado pelo autor.

Aos docentes, a relevância deste trabalho existe no sentido de que é fundamental incentivar a busca de outros meios de realização profissional que não aqueles cujas normas já estão estabelecidas. É importante despir-se de prováveis pré-julgamentos e, principalmente, mostrar aos alunos que há vida fora da mídia

tradicional. Por mais carrasco que seja o império da grande mídia, e por maior que seja a impossibilidade de praticar jornalismo à moda de Thompson, é dever da academia oferecer um leque de conhecimentos variados aos estudantes, para que julguem qual o melhor caminho a seguir. Finalmente, este trabalho também interessa à sociedade. Em tempos de informação cada vez mais rápida, enxuta e sem sabor, é possível que sirva de inspiração saber que em dado momento da história, um “maluco” norte-americano resolveu dar o próprio tempero alucinógeno às questões sociais e contar a seu modo e sem culpa tudo o que a mídia tradicional queria esconder.

Para melhor alcançar os objetivos do trabalho, a opção de metodologia feita foi a pesquisa bibliográfica. Uma vez que o objeto da presente pesquisa é o conjunto da obra do jornalista (que inclui também sua história de vida), o contato com o material escrito pelo autor, tanto em inglês quanto em traduções para o português, foi essencial. A análise do trabalho de Hunter S. Thompson só é possível por meio da leitura atenta da obra disponível. O contato com a vida pessoal do autor foi travado por meio de biografias e documentários. Para avaliar a relevância dentro e fora do gênero “jornalismo literário” e para estabelecer bases de comparação com o jornalismo impresso tradicional, também foi imprescindível a leitura de livros e artigos específicos sobre todas essas modalidades.

Após examinar a vida pessoal do autor e a obra publicada em livros e artigos, é possível perceber que Hunter S. Thompson terminou por criar uma espécie de “movimento de um homem só”. Apesar de contraditória, a expressão cai muito bem: sozinho, o repórter causou estardalhaço equivalente a uma revolução. Criou uma modalidade que não é passível de definições, mas que é tão flexível a ponto de caber em qualquer rótulo – não sem antes provar que qualquer etiqueta é limitada demais para caracterizar devidamente o jeito “gonzo” de reportar o mundo.

Capítulo I – Jornalismo tradicional e jornalismo literário

I.1. Jornalismo tradicional: objetividade, imparcialidade e realidade

O jornalismo pode ser definido como área de atuação na qual profissionais lidam com informações factuais, denominadas notícias. Ao profissional de jornalismo engajado na realização da reportagem, cabe uma lista de tarefas a ser cumprida. Coletar informações, redigir e editar um texto e publicá-lo no veículo devido, a fim de que as notícias cheguem ao conhecimento do principal interessado: o público. Tais etapas do fazer jornalístico são guiadas por modelos normativos, ou seja, regras específicas para cada fase de produção. O jornalismo possui, portanto, *modus operandi* próprio. O resultado do cumprimento das etapas citadas é uma narrativa de fácil distinção entre os demais gêneros textuais. Desde o título da matéria até a última linha, o texto jornalístico está impregnado de características próprias.

Em um texto de jornalismo impresso, objeto geral do presente trabalho, as peculiaridades podem ser observadas já no início da leitura do mesmo, esteja publicado em jornal ou revista. De modo geral, o primeiro parágrafo de um texto jornalístico responde a seis perguntas sobre o fato noticiado: o quê, quando, como, onde, quem e por quê. A esse conjunto de perguntas respondidas dá-se o nome de *lead* (“condutor”, em inglês). Essa espécie de resumo serve principalmente para situar o leitor sobre a notícia. O *lead* é uma forma de identificar um texto jornalístico tradicional e atende às curiosidades iniciais sobre o que foi reportado.

O *lead* é a primeira regra identificável na estrutura do texto jornalístico, mas outras características dessa modalidade narrativa também estão presentes em todo o texto. Qualquer profissional que queira obter espaço em uma publicação de mídia noticiosa tradicional deve estar atento a essas regras, que podem ser encontradas em manuais de redação e estilo, tais como os dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, ambos oriundos de publicações de reconhecida influência no Brasil.

O *Manual de redação e estilo* do jornal *O Estado de S. Paulo*, comumente utilizado nas faculdades de comunicação, apresenta no primeiro tópico de suas instruções gerais o ensinamento que deve guiar o jornalista na escrita de um bom texto de acordo com os padrões da empresa. “Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias. Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender o texto” (MARTINS, 1997: 15). Tal regra evidencia que o jornalista não deve ser parcial nem inserir impressões pessoais no que escreve. O texto tem de ser compreendido de maneira fácil por qualquer leitor, independentemente da escolaridade, das origens culturais e dos posicionamentos dos indivíduos.

As regras presentes na modalidade jornalística de narrativa são compreensíveis e até mesmo justificáveis. Um texto presente em jornal, revista ou até mesmo *site* noticioso tem a função e a obrigação de informar de maneira igual o mais variado

leque de leitores. Também deve ser escrito em tempo hábil, visto que há prazos para publicação e espaços físicos previamente demarcados, que evitam adições de rebuscamentos e subjetividade. A importância da credibilidade para um profissional de jornalismo também pesa na hora de optar por um caminho menos ousado na hora de escrever. Para atingir a massa leitora de jornais, e até públicos mais específicos, como leitores de revistas, é por vezes mais seguro lançar mão de fórmulas de aceitação comprovada.

O autor Clóvis Rossi, no livro *O que é jornalismo*, define que a qualidade capaz de fazer um profissional firmar-se no mercado das notícias é a capacidade de conquistar público: “Jornalismo [...] é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e dos corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra” (ROSSI, 2000: 7). Não por acaso, o jornalismo é também denominado “o quarto poder”, haja vista a função mediadora que o repórter exerce, constituindo o elo entre a sociedade e os demais poderes por meio dos textos que veiculam informações de interesse público.

A execução isenta de questionamentos fez com que técnicas de objetividade e imparcialidade se solidificassem como único modo eficaz e sério de se fazer jornalismo. No entanto, as instruções fornecidas tanto na academia quanto nos manuais são repetidas nos textos a ponto de transformá-los em lugar-comum, beirando a obviedade. A rigidez da modalidade não abre espaço para inovação ou inventividade textual. Desse modo, termina por engessar os profissionais que, sem encontrar alternativa cabível, acabam realizando o trabalho de maneira mecânica e burocrática.

Cabe destacar que nem todos disseminam as regras ou seguem a cartilha passivamente. Existem autores que, embora contrários a desvirtuações exageradas, concordam que a prática de repetição exaustiva do modelo tradicional de jornalismo pode afastar leitores ao invés de atraí-los. O próprio Clóvis Rossi, também jornalista, é um desses autores:

O esquematismo exagerado conduziu a tal padronização que repórteres e redatores deixaram de ter como característica central o domínio do idioma, de seu próprio estilo pessoal e da melhor maneira de captar o interesse do leitor (conduzindo-o a ler todo o texto), para se transformarem em especialistas em uma técnica: a de redigir informações que respondam as seis perguntas fundamentais, de preferência sintetizando-as no lide ou abertura da matéria. [...] boa parte dos textos tornou-se simplesmente aborrecida, cansativa, monótona. (ROSSI, 2000: 28)

Outros pensadores, mais ousados, defendem que é possível afirmar que não existe o que se pode chamar de “estilo jornalístico”. Albert Chillón, no livro *Literatura y Periodismo*, exemplifica a mutabilidade aceitável que existe dentro da narrativa jornalística:

Embora muito difundida e utilizada por jornalistas e livros de estilo profissional, a expressão “estilo jornalístico” desmorona como castelo de areia quando a submetemos a revisão crítica: não existe um suposto estilo característico da comunicação jornalística em seu conjunto, senão uma diversidade muito heterogênea e complexa de estilos e registros, distintos tanto no que se refere à sua *fisionomia expressiva* como à suas *aptidões comunicativas*: o que têm a ver os estilos de um redator de agência e de um locutor; de um crítico de cinema e do repórter científico; do repórter de investigação e do colunista de opinião? Tampouco resolvemos o problema se trocarmos a expressão “estilo jornalístico” pela mais maleável “estilo informativo”: que

homogeneidade guardam entrevistas de declaração e de personalidade, informações de situação e reportagens de enviado especial, crônicas parlamentares e notícias factuais? (CHILLÓN, 1999: 46)¹

Tal qual cabe a afirmação de que não existe apenas um tipo de mídia e não existe narrativa jornalística inflexível, também é possível questionar a existência da verdade absoluta, defendida como “compromisso jornalístico”. Ao se julgar imparcial e objetivo, o jornalista intuitivamente afirma estar isento de qualquer julgamento e juízo de valor. Desse modo, também afirma ser testemunha da verdade e repórter da realidade do modo como ela se apresenta, numa pretensão de comportamento sobre-humano. A possibilidade desse comportamento é questionada por Luiz Amaral no livro *A objetividade jornalística*. “A questão é saber se é possível, e em que grau, o ser humano descrever as coisas como elas realmente são. Independentemente da relação que temos com elas. É saber se, de fato, a objetividade é um caminho para a verdade e a realidade” (AMARAL, 1996: 18).

Adelmo Genro Filho, em *O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo*, afirma que objetividade e posse da realidade são meras pretensões burguesas. Como tal, escondem interesse ideológico e transmitem a ideia capitalista de que o “o mundo é um agregado de ‘fatos’ prontos e acabados” (GENRO FILHO, 1987: 84). O autor demonstra também que a própria objetividade é uma escolha subjetiva, e que a verdade está diretamente ligada a interesses de contexto histórico e social:

Os *fatos jornalísticos* são um recorte no fluxo contínuo, uma parte que, em certa medida, é separada arbitrariamente do todo. Nessa medida, é inevitável que os fatos sejam, em si mesmos, uma escolha. Mas, para evitar o subjetivismo e o relativismo, é importante agregar que essa escolha está delimitada pela matéria objetiva, ou seja, por uma substância histórica e socialmente constituída, independentemente dos enfoques subjetivos e ideológicos em jogo. A verdade, assim, é um processo de revelação e constituição dessa substância. (GENRO FILHO, 1987: 185)

O dito compromisso com uma verdade absoluta é ainda mais difícil de ser honrado tendo em vista que os jornalistas são profissionais que devem possuir um mínimo de pontos de vista em comum com a empresa onde trabalham. Com efeito, cada publicação segue uma linha editorial e espera que o repórter se adeque às normas. Nesse momento, há o conflito de três pontos de vista, ou três “verdades”: a do ser humano, a do profissional e a da empresa de comunicação na qual atua. Se os pontos de vista forem convergentes, empresa e profissional saem ganhando. Mas e o público? Como confiar em um texto escrito por um profissional subordinado aos interesses de um conglomerado de comunicação, que assim como qualquer empresa, também visa lucro? Os manuais de estilo aconselham a seguir o princípio da verificação: tudo o que for escrito e publicado deve ser comprovado e comprovável. Chillón também toca na questão:

A rigor, de acordo com a ortodoxia jornalística vigente, o jornalista deve limitar-se a relatar veridicamente casos e situações de existência real e comprovável: cada circunstância, cada nome e cada feito devem ser verificados e verificáveis. Contudo, [...] alguns repórteres contemporâneos têm levado o uso de recursos da narrativa ficcional ao extremo de inventar personagens, lugares e situações para representar por meio da tipificação – não verídica, mas de modo verdadeiro – a complexa, diversa e dispersa “realidade. (CHILLÓN, 1999: 296)

¹ Todas as traduções presentes neste trabalho foram feitas pela autora do mesmo.

Percebe-se então que, apesar de não ser seguido tão à risca, o compromisso jornalístico deve se aproximar muito mais de uma busca verdadeira dos diversos tipos de realidade existentes do que da perpetuação de uma verdade vigente. A partir dessa conclusão, é possível entender os motivos que fizeram com que o jornalismo literário surgisse como modalidade alternativa à mesmice regrada da mídia tradicional. O apreço maior pela subjetividade, a preocupação com o detalhamento dos fatos e com a caracterização das pessoas narradas, adicionou novas perspectivas e variedade aos textos jornalísticos. Albert Chillón traça um paralelo entre realidade e palavras:

Não é certo que as palavras, por sua natureza logomítica, por sua tensão inevitável entre abstração e sensorialidade, têm uma dimensão inevitavelmente configuradora, imaginativa? E não se desprende daí que ao colocar a "realidade" em palavras, os sujeitos não estão fazendo nada além de imaginá-la? (Ibidem: 36)

Sendo a somatória de duas modalidades narrativas diversas, a jornalística e a literária, o jornalismo literário parece uma ambiguidade. Como pensar na existência de um texto cuja função é informar, sem comprometimento com as regras do fazer jornalístico tradicional? O jornalista Felipe Pena, no livro *Jornalismo literário*, afirma que a simbiose entre os dois estilos surge de modo a ampliar cada um deles, e não simplesmente desviar cada qual de sua verdadeira função:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006:13)

É certo que o jornalismo literário não está livre de moldes e não veio se estabelecer como substituto do jornalismo tradicional. A modalidade ainda está em expansão, principalmente no Brasil. No entanto, ainda é confundido com crítica literária e aparece dessa maneira nos suplementos de cultura dos principais jornais do país. Afirmar que o jornalismo literário é um jeito "novo" de fazer jornalismo ajuda a entender a curiosidade e a rejeição que desperta. Sua existência representa alternativa à estagnação do modo estabelecido de fazer jornalismo e possibilidade de inserir criatividade e ritmo inusitados nas reportagens.

1.2. O jornalismo novo: jornalismo literário e o movimento do *new journalism*

Entender jornalismo literário de modo eficaz só é possível por meio da leitura de obras de autores como os norte-americanos Truman Capote e Norman Mailer ou mesmo o brasileiro José Hamilton Ribeiro. No entanto, compreender que jornalismo pode existir de modo crível fora das regras de manual abre caminho para um maior entendimento da modalidade. Na obra *O estudo do jornalismo no século XX*, organizado por Nelson Traquina, a autora Gaye Tuchman afirma que o jornalismo literário não tem a intenção de diminuir o jornalismo factual:

Dizer que a notícia é uma “estória” não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora de sua própria validade interna. Os relatos noticiosos, mais uma realidade seletiva do que uma realidade sintética, como acontece na literatura, existem por si sós. Eles são documentos públicos que colocam um mundo à nossa frente. (TUCHMAN, 2001: 30)

Compreendido o argumento de Tuchman, vale a pena recordar um pouco de história. Apesar de poder ser considerado “novo”, o jornalismo literário não é recente. Existem registros da prática simbiótica entre jornalismo e literatura já no começo do século XVIII. Daniel Defoe, autor mundialmente conhecido pelo romance *Robinson Crusoe*, foi também um jornalista respeitado na Inglaterra e publicou em 1722 a primeira peça conhecida de “novo jornalismo”, chamada *Diário de um ano da peste* (*A Journal of the Plague Year*). Trata-se de uma reconstrução em detalhes da epidemia de peste bubônica que assolou a cidade de Londres em 1665, sendo assim o primeiro romance que reconhecidamente utiliza narrativa ficcional para contar com verossimilhança um fato noticioso.

Mais de um século depois, em 1887, o “novo jornalismo” reapareceu, só que na forma de termo pejorativo. William Thomas Stead, jornalista britânico engajado em causas sociais que escrevia para o jornal *Pall Mall Gazette*, comprou uma garota de 13 anos da mãe para denunciar a prostituição infantil. O acontecimento, que ficou conhecido como “o caso Eliza Armstrong”, rendeu dois meses de prisão a Stead e foi motivo de chacota entre seus colegas. Devido à sua ousadia inconsequente, foi chamado de “novo jornalista”, o que significava na época um jornalista que fazia besteiras, um verdadeiro “cabeça oca”. No século XX, o “novo jornalismo” ganhou respeito novamente e até *status* de rebelião.

Em 1946, o jornalista John Hersey, ganhador do Prêmio Pulitzer², lançou o livro *Hiroshima*, que apareceu primeiro como artigo publicado na revista *The New Yorker*, no mesmo ano. A história do livro reconstruía os efeitos da bomba atômica que devastou a cidade de Hiroshima, no Japão, a partir da perspectiva de seis sobreviventes do desastre. A técnica de Hersey foi levada mais além quase vinte anos depois, quando Truman Capote lançou um dos livros-chave para compreender o que foi o *new journalism* norte-americano. O romance *A sangue frio* (*In cold blood*), de 1965, foi o resultado de cinco anos de pesquisa e entrevistas em profundidade com dois criminosos que assassinaram uma família no interior dos Estados Unidos. Capote, que preferia não categorizar sua obra como jornalismo, e sim como “romance de não-ficção”, utilizou uma narrativa detalhista e, tal qual Hersey, recriou atmosferas e diálogos baseado nos acontecimentos reais.

Surgido em uma época bastante apropriada – os anos 1960, década conhecida como a era da contracultura – o *new journalism* pode ser entendido também como uma “revolta” estilística, na qual jornalistas se rebelaram contra o fazer convencional. A subversão dava-se no aprofundamento, de modo pouco utilizado na época, nas

² Prêmio estadunidense concedido anualmente a pessoas que realizam trabalhos de destaque pela qualidade nas áreas de jornalismo, literatura e música. Recebeu o nome em homenagem ao jornalista Joseph Pulitzer, que em 1903 doou um milhão de dólares para a criação de uma escola de jornalismo na Universidade de Columbia, Estados Unidos.

situações e personagens relatados e na recusa à limitação das técnicas ditadas e repetidas na imprensa tradicional para escrever, indo no sentido oposto à objetividade e à imparcialidade esperadas de um texto jornalístico.

Para entender o contexto em que a vertente surgiu, é necessário admitir a transição pela qual passava a sociedade norte-americana durante aqueles anos e analisar os rumos que a literatura dos Estados Unidos tomava. No livro, *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*, o jornalista Fernando Resende situa as mudanças literárias que influenciaram os “novos jornalistas”:

A literatura americana nos anos 60, marcada pelos fatos que emergiam de uma sociedade em processo de mutação, mesmo que paradoxalmente, contribuiu para que a ficção também se tornasse objeto de questionamento por parte dos escritores. A noção de realidade enquanto referência ao verdadeiro, à medida que se notava que as palavras não davam conta de exprimir os fatos que se sucediam, ia sendo cada vez mais relativizada. (RESENDE, 2002: 61)

Em manifesto intitulado *O novo jornalismo (The New Journalism)*, de 1973, Tom Wolfe, que afirmou nunca ter gostado da expressão – “Qualquer movimento, grupo, partido, programa, filosofia ou teoria que tem ‘Novo’ no nome está chamando confusão” (WOLFE, 2005: 40) – enumera técnicas que deveriam ser utilizadas pelos jornalistas dispostos a mergulhar na vertente. “[...] construção detalhista da cena, registro completo dos diálogos, ponto de vista em terceira pessoa e, por último, registro dos gestos cotidianos e do padrão de vida daqueles sobre os quais fossem ser relatados os fatos.” (RESENDE, 2002: 63) Desenvolvendo a ideia de Wolfe, que sugeriu que o novo jornalismo deveria “evitar o aborrecido tom de bege pálido dos relatórios que caracterizam a tal imprensa objetiva”, Felipe Pena caracteriza o mote central do *new journalism* norte-americano:

Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. Uma exclamação, por exemplo, pode vir após uma interrogação para expressar uma pergunta incisiva. Por que não?! (PENA, 2006: 54)

Tom Wolfe também considerou em seu manifesto que havia dois tipos de jornalistas nos Estados Unidos da década de 1960: aqueles que se estapeavam pelos interesses da empresa, ou seja, o “furo jornalístico” e a outra turma de repórteres, os escritores de reportagens especiais, que utilizavam o jornalismo como subterfúgio para alcançar o inimaginável aos jornalistas – a entrada no mundo da literatura:

O que todos tinham em comum era que consideravam o jornal um motel onde você se hospedava para passar a noite a caminho do triunfo final. A ideia era conseguir um emprego num jornal, conservar inteiros o corpo e a alma, pagar o aluguel, conhecer “o mundo”, acumular “experiência”, talvez eliminar um pouco da gordura do seu estilo – depois, em algum momento, demitir-se pura e simplesmente, dizer adeus ao jornalismo, mudar-se para uma cabana em algum lugar, trabalhar dia e noite durante seis meses, e iluminar o céu com o triunfo final. O triunfo final era conhecido como O Romance. (WOLFE, 2005: 13)

O que o *new journalism* trouxe de benéfico ao jornalismo literário – além das obras de qualidade – foi o estardalhaço e a polêmica necessários para chamar a atenção dos leitores à nova modalidade. O romance-reportagem havia se transformado em um estilo disseminado, publicado tanto em livros quanto em revistas de destaque e era reconhecido por premiações de prestígio. No Brasil, o principal

exponente do novo jornalismo foi a revista *Realidade*, publicada entre os anos de 1966 e 1976. Ousada para a época (existiu durante o período do regime militar no país), enfrentou a censura e deixou sua marca na imprensa com o modo não-convencional de fazer jornalismo. Os repórteres da *Realidade*, bem como os colegas dos Estados Unidos, tinham liberdade para subverter as regras do jornalismo tradicional nas matérias. Textos em primeira pessoa, narrativa com descrições minuciosas e engajamento nas questões políticas e sociais da época foram alguns dos diferenciais da revista, que não teve substituta à altura nas décadas seguintes, mesmo depois do fim da ditadura. O ônus do *new journalism*, entretanto, foi também trazer um rol de regras aderido à dita liberdade narrativa.

Se os “novos jornalistas” abriram caminho para a entrada da literatura no jornalismo “careta”, também assistiram ao nascimento de uma vertente ainda mais ousada. Levando o jornalismo ao grau máximo da subversão, o “repórter especial” Hunter S. Thompson criou, também na década de 1960, o chamado jornalismo gonzo. Enquanto Wolfe descrevia as técnicas do *new journalism*, Thompson criou seu próprio jeito de fazer reportagem, indo contra todas as tradições – e não só as do jornalismo convencional. Embora seja comum o rótulo de “vertente radical do *new journalism*“, o trabalho de Thompson vai além de etiquetas. Como personagem das próprias histórias, abusou de toda e qualquer substância ilícita que lhe caía em mãos e dedicou cada linha escrita ao mais profundo desprezo pelo chamado Sonho Americano. Hunter S. Thompson promoveu uma espécie de movimento de um homem só. Era muita novidade – até mesmo para os padrões do novo jornalismo.

2. Jornalismo gonzo: criador e criação

2.1. Hunter S. Thompson

Não quero dizer que estou prestes a expor minha doutrina aqui nesta página, mas somente afirmar, pela primeira vez na vida com sinceridade, minha crença no homem como indivíduo e entidade independente. Não se trata, é certo, de independência no senso comum do termo, mas de uma liberdade e mobilidade de pensamento do tipo que poucas pessoas são capazes – ou nem sequer têm coragem – de atingir (THOMPSON, 2009: 84)

O chamado “jornalismo gonzo” é um estilo de apuração e escrita de caráter essencialmente experimental e individual. Trata-se do conjunto de narrativas produzidas por um autor e não de rótulo criado pela mídia para agrupar diversos escritores com temáticas parecidas, exemplo da *geração beat*³. Como modalidade jornalística não é considerada adequada o suficiente para ser seguida por outros repórteres que não Hunter S. Thompson. Sendo assim, não é possível dissociar o jornalismo gonzo da figura do criador. Conhecer as origens e a personalidade do autor é imprescindível para compreender não só o estilo, mas principalmente o sucesso improvável que alcançou.

Nascido Hunter Stockton Thompson, em 18 de julho de 1938, na cidade interiorana de Louisville, estado de Kentucky, Estados Unidos, era o mais velho dos três filhos de um veterano do exército norte-americano e de uma bibliotecária. Desde a infância destacava-se pelo carisma e inquietude. Aprendeu a ser patriota com o pai e adquiriu gosto pelos livros com a mãe, que levava exemplares para casa e incentivava o hábito da leitura. O pequeno Hunter gostava tanto de ler que, enquanto líder de uma gangue infantil praticante de pequenos furtos, persuadia os amigos a frequentarem a biblioteca local. Entre as atividades do grupo, cada membro ia até as estantes, pegava um livro à sua escolha e punha-se a ler durante algumas horas do dia.

Grande fã de esportes, Thompson era reconhecido pelo bom desempenho em jogos de beisebol. Sonhava em ser atleta, mas um problema na coluna o impediu e deixou de garantir-lhe uma bolsa de estudos na faculdade. No início da adolescência, começou a experimentar drogas socialmente aceitas, como cigarros e bebidas alcoólicas. Ainda nessa época, assistiu ao filme *O selvagem (The Wild One)*, de 1953, e inspirou-se no personagem do ator Marlon Brando para se tornar um “fora-da-lei de Louisville”. Manteve assim o comportamento delinquente: assaltava lojas de bebida, danificava propriedade pública e provocava confusão. No entanto, não limitou sua rebeldia a bebedeiras e outros comportamentos comuns aos adolescentes.

Aos 17 anos, se juntou ao *Atheneum Literary Association*, clube de leitura da escola em que estudava. Nas reuniões, lia obras de autores como Friedrich Nietzsche e escrevia artigos para o *The Spectator*, jornal editado pela associação. Em um dos

³ Geração Beat ou *Beat Generation* foi o nome dado pela mídia ao grupo de escritores e poetas norte-americanos, surgido na década de 50 e início da década de 60, que rejeitavam os ideais do Sonho Americano e promoviam o interesse na experimentação das drogas, da sexualidade livre e a expansão espiritual. Dentre os autores mais renomados do grupo estão Allen Ginsberg, William S. Burroughs e Jack Kerouac.

textos, intitulado *Segurança*, escreveu: “Então, deve-se deixar que o leitor responda sozinho à seguinte questão: quem é o homem mais feliz, aquele que enfrentou a tempestade e viveu ou aquele que permaneceu seguro e meramente existiu?” (THOMPSON, 1997: 5). Percebe-se que o jovem começava a colocar no papel questionamentos a respeito da conformidade e do medo. Esses dois temas se tornariam frequentes nas obras que escreveu durante a carreira.

Ainda no clube de leitura, começou a moldar gosto literário pessoal, tornando-se grande apreciador da literatura norte-americana. Tinha entre os escritores favoritos J.D. Salinger, Ernest Hemingway e William Faulkner, mas foi o autor Scott F. Fitzgerald a grande inspiração. Declarou que copiava a obra mais famosa de Fitzgerald, *O grande Gatsby* – em que “nenhuma palavra era desperdiçada” (THOMPSON, 2008: 378) – a fim de aprender o estilo do autor. O livro, publicado em 1925, conta uma história de amor em ritmo acelerado (55 mil palavras ao todo), permeada pelo conceito de que o apeço demasiado pelo dinheiro é a principal causa dos males humanos. Em entrevista à revista norte-americana *Rolling Stone* de 28 de novembro de 1996, afirmou: “Há poucas coisas que eu leio e digo: ‘Rapaz, queria ter escrito isso’. Muito poucas mesmo. O Livro das Revelações é um. *O Gatsby* é outro.” (*Idem*)

Após perder a formatura devido à acusação de ser cúmplice de roubo – fato não provado, mas que lhe rendeu seis semanas na cadeia –, decidiu não entrar na universidade e se juntou ao serviço militar aéreo no estado da Flórida. Foi designado para o serviço de comando de radares, mas conseguiu ser remanejado para o jornal da base, chamado *Command Courier*. Paralelamente, convenceu o editor de um jornal local a escrever uma coluna de esportes sob o pseudônimo Stockton Thorne. Apesar do comportamento respeitoso para com os militares e do excelente desempenho das funções, foi desligado da Força Aérea. Como justificativa oficial, seu chefe escreveu que o piloto, embora talentoso, não era guiado pelas regras e que sua atitude rebelde influenciava os outros membros da base.

Thompson seguiu então para a cidade de Nova York, onde tinha amigos, e foi à procura de trabalho. Queria ser escritor e exercia a prática constantemente. No entanto, viu no jornalismo a possibilidade de chamar atenção e ganhar algum dinheiro. John Clancy, um dos amigos com quem dividia apartamento na cidade, declarou que jornalismo não era prioridade para o rapaz. “Hunter costumava nos dizer que iria ser um grande escritor, mas percebeu que teria que fazer algum tipo de jornalismo para sobreviver enquanto isso” (CLANCY *apud* THOMPSON, 2007: 28). Conseguiu emprego de copidesque na revista *Time*, mas logo foi despedido por insubordinação.

Cansado da vida na ilha de Manhattan, mandou uma carta para o editor do jornal *The San Juan Star*, de Porto Rico, disponibilizando-se para trabalhar no país. Foi rejeitado para o emprego, mas já instalado na capital San Juan, foi trabalhar em uma revista esportiva local que logo deixou de existir. Apesar do fracasso profissional, utilizou a experiência na imprensa porto-riquenha para escrever o livro *Rum: diário de um jornalista bêbado*, publicado somente três décadas depois de finalizado.

De volta aos Estados Unidos, trabalhou como gerente em uma boate de *strip-tease* e também como segurança, justo ele, tão inconformado com o termo. Escrevia ainda pequenas histórias e mandava para editores de diversas publicações, que não raro as rejeitavam. Enviou carta ao jornal *The National Observer*, mais uma vez em busca de emprego, e foi contratado como correspondente internacional. Viajou à América do Sul e escreveu artigos sobre a situação política dos países do continente.

Durante a viagem, morou no Brasil durante um ano (1962 a 1963) e escreveu textos críticos sobre política e sociedade, ignorando o fato de que o país estava perto de ser tomado pelo regime ditatorial. No Rio de Janeiro, Thompson escreveu, entre outros textos, sobre a vez em que foi chamado para cobrir um tiroteio de madrugada em pleno bairro de Copacabana: “Num país latino-americano com boatos de revolução, nenhum homem com bom senso correria para se enfiar num festival de tiros, porque teria boas chances de ter o peito rasgado por balas de metralhadora checa” (THOMPSON, 2004: 136).

Acabado o período de artigos sobre a América do Sul, retornou novamente à pátria. Casou-se e teve um filho, o único, a quem chamou de Juan Fitzgerald Thompson, homenageando simultaneamente a capital de Porto Rico, que lhe trouxe experiências úteis; Scott F. Fitzgerald, o autor preferido; e John Fitzgerald Kennedy, presidente adorado pelo povo dos Estados Unidos e morto em atentado. O ano de 1965 foi época de mudança com a família para a cidade de San Francisco, estado da Califórnia e centro do movimento hippie norte-americano. Lá, ficou amigo de escritores boêmios como o *beat* Allen Ginsberg, começou a usar ácido e recebeu a proposta que mudaria o rumo de sua vida como escritor.

Carey Williams, então editor da revista *The Nation* conheceu Thompson e, impressionado com os artigos publicados no *National Observer*, lhe deu emprego de repórter. Como primeira pauta, ofereceu a oportunidade de escrever um artigo sobre a gangue de motoqueiros Hell’s Angels. A tarefa era tentadora e perigosa, uma vez que o grupo era composto de “foras-da-lei”, conhecidos (e temidos) pela prática costumeira de atos de vandalismo, violência e delinquência. Ávido por desafios, o jornalista aceitou a proposta de imediato.

Após ignorar completamente o *deadline*⁴ e conviver intimamente com os Hell’s Angels por um ano, entregou o artigo que foi publicado em abril de 1966 na *The Nation*. Depois do sucesso do texto, o repórter recebeu propostas de diversas editoras para publicar em livro os detalhes da experiência com a gangue de motoqueiros. A obra *Hell’s Angels* foi lançada em 1967 e era diferente de qualquer livro-reportagem já publicado antes.

Ao relatar os dias de convivência com o grupo não com o distanciamento de um jornalista, mas com a familiaridade de um integrante da gangue, Hunter Thompson inaugurou um estilo de jornalismo que deixava transparecer muito da própria

⁴ Palavra em inglês que significa “prazo”. Termo jornalístico que indica o prazo que os repórteres têm para fazer e entregar as matérias aos editores da publicação.

personalidade. A narrativa era baseada no envolvimento pleno com os personagens da reportagem, portanto recheada de subjetividade e de retórica ácida, proveniente do contato direto com os motoqueiros que personificavam “a destruição do Sonho Americano”, de acordo com o autor.

O Sonho Americano é, por definição do *Cambridge Dictionary*, a crença de que qualquer pessoa nos Estados Unidos pode ser bem-sucedida, rica e feliz se trabalhar duro. A existência dos escritores da *geração Beat*, do movimento de contracultura nos anos 1960 – do qual fizeram parte os hippies – e até mesmo dos Hell’s Angels, veio provar que o ideal mais forte da cultura estadunidense estava em declínio. Thompson percebeu isso e se dispôs a ser um militante na disseminação do fim do Sonho Americano. O retrato feito no livro sobre os motoqueiros foi somente o início. Anos mais tarde, após a publicação de outro artigo, intitulado *A Kentucky Derby é decadente e depravada*, um dos amigos de Thompson, o jornalista Bill Cardoso, enviou-lhe um fax parabenizando-o. A mensagem dizia que o artigo era “puro gonzo”, terminologia que o autor adotou para nomear seu estilo e que será analisado no tópico seguinte deste capítulo.

O sucesso do livro sobre os Hell’s Angels abriu as portas para a carreira jornalística de Hunter S. Thompson. Ele passou a escrever artigos nas principais publicações dos Estados Unidos, entre elas as revistas *The New York Times Magazine*, *Esquire* e *Rolling Stone*, esta símbolo da contracultura, para a qual o jornalista contribuiu durante três décadas. Lá também fez amigos fraternos, como o fundador da revista, Jann S. Wenner, e o ilustrador Ralph Steadman, companheiro de aventuras e responsável pelas imagens que ajudaram a construir a identidade do jornalismo gonzo.

No início da década de 1970, se candidatou a xerife⁵ do condado de Aspen, cidade do estado norte-americano do Colorado, conhecida pelas montanhas e pelo clima propício à prática do esqui. Foi candidato pelo partido *Freak Power* (Poder Maluco) e uma de suas principais promessas eleitorais era a descriminalização das drogas no condado, mas somente para uso pessoal dos habitantes. A plataforma era bastante coerente, haja vista que Thompson era usuário declarado de todo tipo de substâncias ilícitas. A *Rolling Stone* entrou na campanha a favor do seu principal colaborador, mas apesar da obtenção de 44% dos votos, o autor calvo foi derrotado pelo “oponente cabeludo”, como costumava chamar o candidato adversário.

Durante a campanha para xerife, lançou o logotipo que mais tarde incorporaria como símbolo do jornalismo gonzo. Tratava-se do desenho de uma mão de seis dedos, fechada, contendo um cacto da espécie *Lophophora williamsii*, popularmente conhecido pelo nome Peyote – nativo do estado norte-americano do Texas e com propriedades alucinógenas se ingerido – situados no topo de um punhal (ver anexo na pág.39). Em interpretação livre, o símbolo pode ser descrito como uma combinação dos três elementos principais da vida e do estilo de escrita de Thompson:

⁵ Nos Estados Unidos, o xerife é o representante da lei nos condados, que são áreas ou cidades que possuem um nível de governo independente (porém abaixo) do governo do estado. Quem elege o xerife é a população residente do próprio condado.

a mão fechada simboliza a força de seus textos, o Peyote remete à ligação com as drogas e a lança representa o extremismo e o constante flerte com o perigo.

Em 1972, lançou a obra que tornaria mundialmente famosos tanto sua figura controversa quanto seu estilo de escrita. *Medo e delírio em Las Vegas* foi publicado como uma série de duas partes na revista *Rolling Stone* e posteriormente lançado como livro, tornando-se o maior sucesso editorial do autor. O “livro de Vegas”, como ficou conhecido, narrava as aventuras improváveis – e regadas a todo tipo de drogas – do repórter Raoul Duke (alter ego de Thompson) durante uma reportagem no meio do deserto norte-americano e na companhia do advogado samoano Dr. Gonzo. A história do livro é baseada em experiência real pela qual passou na companhia de seu advogado de origem mexicana, Oscar Zeta Acosta. Apesar do sucesso no mundo literário, a obra não foi bem-recebida como livro-reportagem, pelo excesso de subjetividade, apologia às drogas e falta de foco jornalístico.

A visibilidade cada vez maior de Hunter S. Thompson como figura polêmica e criador de textos nada convencionais lhe deu suporte para continuar a escrever artigos. Seu trabalho para a *Rolling Stone* foi significativo durante toda a década de 1970, quando contribuiu principalmente com textos sobre a cobertura das eleições presidenciais norte-americanas de 1974 e 1976 e sobre a guerra do Vietnã, da qual foi correspondente. Crítico ferrenho do presidente Richard Nixon⁶ e sempre atrasado com prazos, começou a se desentender com o editor Jann S. Wenner, que o deixou sem assistência financeira e médica durante estadia em Saigão⁷ já no fim da guerra do Vietnã. A relação dos amigos ficou estremecida e a contribuição do repórter para a revista ficou menos constante, mas ambas não deixaram de existir.

A década de 1980 foi período de transições na vida do jornalista. O casamento de mais de vinte anos chegou ao fim e ele mudou-se de Aspen, fixando residência em Woody Creek, Colorado. Passou a escrever “matérias sobre sexo” – como ele próprio rotulava – para a revista *Playboy* e foi convidado pelo amigo Warren Hinckle, editor do jornal *The San Francisco Examiner*, a ser crítico de mídia na publicação. Os anos 1990 começaram com uma acusação de abuso sexual cometido contra uma atriz pornô que visitou sua casa. Foi absolvido e contou sua versão dos fatos em *Reino do medo*, coletânea de memórias lançada em 2003. No decorrer da década, continuou a escrever para as publicações citadas acima e lançou os dois últimos volumes da coletânea de textos chamada *Gonzo Papers*. Dividida em quatro livros independentes – *The Great Shark Hunt* (1979), *Generation of Swine* (1988), *Songs of the Doomed* (1990) e *Better than Sex* (1994) – a coletânea reúne os artigos publicados ao longo das décadas.

Após o fim do casamento, Thompson tornou-se mais recluso. No entanto, continuava o mesmo no que concernia aos experimentos com drogas e a desafiar o

⁶ Richard Milhous Nixon (1913 -1994) foi presidente dos Estados Unidos de 1969 a 1974. Renunciou ao segundo mandato devido ao escândalo que ficou conhecido como caso Watergate, que provou os vários atos ilegais cometidos pelo presidente contra a oposição.

⁷ Antigo nome Ho Chi Minh, a maior cidade do Vietnã.

medo. Foi coautor de uma canção nunca gravada, que chamou de *Você é uma pessoa completamente diferente quando está com medo* e costumava dizer aos amigos que não os conhecia de verdade até colocá-los em situação de perigo. “Em diversas ocasiões, ele me espetou com uma sinistra seringa para cavalos, brandiu espingardas carregadas, aparelhos de choque e latas de spray de pimenta” (FERRIS *apud* THOMPSON, 2009:16), revelou um dos camaradas, Timothy Ferris. Também dizia que o medo é algo que deve ser encarado como um animal que talvez precise ser abatido. Tal opinião é capaz de explicar a relação íntima com extravagâncias e excessos. Apreciador de armas e adepto da caça de animais selvagens, gostava de viver no limite, em sentido oposto ao da segurança tão criticada em seu artigo do *The Spectator*. Após os 50 anos de idade, porém, preferia reunir os amigos no “quartel-general”, alcunha que deu à cozinha da casa de Woody Creek.

Hunter S. Thompson foi personificado no cinema duas vezes. A primeira foi em 1980, no filme *Uma espécie em extinção* (*Where the Buffalo Roam*), dirigido por Art Linson. Baseado nos artigos políticos escritos nas décadas de 1960 e 1970, o filme é uma comédia focada nas excentricidades da *persona* pública do jornalista e traz um de seus amigos, o ator Bill Murray, no papel principal. Quase vinte anos mais tarde, foi vez de outro amigo, o ator Johnny Depp, interpretar o alter ego Raoul Duke no cinema. O próprio ofereceu o papel a Depp quando não existia sequer um roteiro para o filme. O ator quis ser fiel na interpretação, e sob a supervisão do representado, copiou o jeito de falar característico, o andar desengonçado e até raspou o topo do cabelo para imitar a careca do jornalista. Baseado na obra *Medo e delírio em Las Vegas.*, a película homônima dirigida por Terry Gilliam foi lançada em 1998 e tornou o livro e o autor ainda mais conhecidos. Hunter Thompson também foi retratado em inúmeros documentários e biografias.

Um ano antes da segunda empreitada cinematográfica, surgia uma série de histórias em quadrinhos baseada nos textos de Hunter S. Thompson. Sob o nome de *Transmetropolitan*, escrita por Warren Ellis e ilustrada por Darick Robertson, os livros contavam as histórias vividas pelo jornalista Spider Jerusalem, careca, fumante e ousado como Thompson. Em contraposição, durante muito tempo acreditou-se que o personagem Gonzo, o bondoso integrante do famoso grupo de marionetes *Muppets*, criados por Jim Henson, fosse inspirado no jornalista, mas Henson nunca confirmou o rumor, alegando apenas uma coincidência de nomes.

A década de 1990 terminou e Thompson adentrou na era virtual voltando a escrever sobre esportes. Entre os anos de 2000 e 2005, embora continuasse a trabalhar com máquina de escrever, assinou uma coluna para o site ESPN.com⁸. No entanto, a diversão já não era a mesma para o autor, que declarava sentir-se constantemente entediado. Enfrentando problemas crônicos de saúde e desgostoso com a própria idade e com os rumos da política do então presidente dos Estados

⁸ ESPN (sigla para *Entertainment and Sports Programming Network*) é um canal da televisão a cabo dos Estados Unidos, especializado em produzir e transmitir programas sobre esportes 24 horas por dia.

Unidos, George W. Bush, revelou desesperança em relação ao futuro. “Vivemos tempos perigosamente bizarros agora. Pessoas inteligentes dão de ombros e admitem estar confusas e perdidas. É o início do fim do mundo como o conhecíamos. A derrocada é a ética operante” (THOMPSON, 2009: 82).

Em 20 de fevereiro de 2005, aos 67 anos, Hunter S. Thompson morreu com um tiro de pistola na cabeça. O jornalista cometeu suicídio em casa e teve o filho como testemunha. Deixou bilhete que foi publicado na revista *Rolling Stone* de março daquele ano, edição que teve capa e grande parte do conteúdo dedicado a ele. No último manuscrito, a que deu o título de *A temporada de futebol americano acabou*, mostrou-se direto e conciso ao enumerar os motivos da resolução de terminar sua jornada:

Sem mais jogos. Sem mais bombas. Sem mais andanças. Sem mais diversão. Sem mais natação. 67. São 17 anos depois de 50. 17 anos a mais do que jamais precisei ou quis. Chato. Estou sempre rabugento. Não é mais divertido — para ninguém. 67. Você está ficando ganancioso. Aja de acordo com a sua idade velha. Relaxe — isso não vai doer. (THOMPSON *apud* BRINKLEY, 2005)

Seis meses depois, cerca de 250 convidados reuniram-se em Aspen para o funeral simbólico de Hunter S. Thompson, em cerimônia financiada por Johnny Depp. Um gigantesco canhão em forma do logotipo gonzo lançou as cinzas do jornalista pelos ares, conforme sua vontade, juntamente com fogos de artifício. Ralph Steadman, em seu livro de memórias, fez questão de homenagear o amigo de longa data:

Hunter, foi por isso que você se suicidou. Os seus Estados Unidos acabaram. Foi a verdadeira morte da diversão. A BRINCADEIRA ACABOU. Quando você puxou o gatilho da sua Magnum .44[...] você estourou um dos cérebros mais singulares de nossa era. Foi um belo tiro, que não só levou o cérebro como também perfurou a sua touca de cozinheiro. Um orifício de ventilação para a eternidade. Meu Deus! A gente deveria se sentir bem, mas não é assim. A maioria das pessoas que conheceu você, Hunter, está de luto e lamenta o dia, aquele dia em que meu parceiro de 35 anos de trabalho estourou a própria vida à bala. (STEADMAN, 2008: 24)

2.2. Jornalismo gonzo – obras principais

Estávamos em algum lugar perto de Barstow, à beira do deserto, quando as drogas começaram a fazer efeito. Lembro que falei algo como “estou meio tonto; acho melhor você dirigir...” E de repente fomos cercados por um rugido terrível, e o céu se encheu de algo que pareciam morcegos imensos, descendo, guinchando e mergulhando ao redor do carro, que avançava até Las Vegas a uns 160 por hora, com a capota abaixada. E uma voz gritava: “Jesus Santíssimo! Que diabos são esses bichos?” (THOMPSON, 2007: 9)

O trecho que abre a narrativa de *Medo e delírio em Las Vegas* permite observar por que o estilo de Hunter S. Thompson lhe rendeu fama. Um texto pretensamente jornalístico desprovido de qualquer traço de objetividade e imparcialidade. O repórter mistura-se aos personagens e interfere no desenrolar dos acontecimentos. O texto é sarcástico e delirante, resultado da combinação nada responsável de várias substâncias ilícitas. Cada parágrafo parece ter sido rabiscado às pressas, pois a polícia vem chegando e é hora de partir. Essas características, todas impensáveis em um texto jornalístico tradicional, fazem parte do jeito gonzo de fazer jornalismo.

Hunter S. Thompson foi responsável pelo nascimento do estilo, mas não deu nome à criação. Tudo começou em 1970, após escrever um artigo sobre a tradicional corrida de cavalos da cidade natal chamada *Kentucky Derby*. O texto, intitulado *A*

Kentucky Derby é decadente e depravada, foi publicado em uma revista de *new journalism* de vida curta, chamada *Scanlan's Monthly*. Um colega jornalista chamado Bill Cardoso mandou fax para Thompson, parabenizando-o pelo artigo. A mensagem dizia: “Isso é, isso é puro Gonzo. Se isso é um começo, continue nessa”. De acordo com Ralph Steadman, ilustrador que colaborou em muitos projetos de Thompson, ele gostou tanto da palavra que se apropriou dela.

Quando perguntado sobre a origem da palavra “gonzo”, Cardoso afirmou que se tratava de uma gíria irlandesa, um nome dado ao último homem que consegue ficar de pé depois de uma noite de bebedeira. Em entrevista à revista *Rolling Stone*, Thompson explicou o termo de maneira diferente. “É uma palavra em português (na verdade italiana), e se traduz quase como exatamente o Hell's Angel teria dito como 'muito louco'. Ei, e está no dicionário agora.” (THOMPSON, 2008: 379). Referia-se ao verbete sobre jornalismo gonzo que consta no *Random House*, dicionário norte-americano publicado desde 1966.

O nome dado ao estilo pode ser compreendido de várias formas. Pode se referir ao jeito considerado irresponsável do jornalista, que diante do iminente fim do prazo para entregar o artigo sobre a *Kentucky Derby*, começou a mandar por fax páginas arrancadas do bloco de anotações para a redação da revista. Também pode se referir à coragem de romper de modo tão ousado com as regras pré-estabelecidas, assim como um “gonzo” resiste ao alto nível de álcool no organismo e permanece de pé, ultrapassando os próprios limites e contrariando todas as previsões.

A primeira vez que o termo “gonzo” apareceu citado em uma obra de Thompson foi em *Medo e delírio em Las Vegas*. O trecho do romance transcrito abaixo traz exemplo dos pensamentos do alter ego do autor, o repórter Raoul Duke:

Senti que a única maneira de ficar pronto para uma viagem como aquela era me vestir como um pavão humano, enlouquecer, cantar pneu pelo deserto e, no fim das contas, *cobrir a matéria*. Nunca se esqueça da sua responsabilidade principal. Mas *qual* era a pauta, exatamente? Ninguém se dignou a dizer. Teríamos que descobrir sozinhos. Livre iniciativa. O Sonho Americano. Horatio Alger destruído pelas drogas em Las Vegas. Fazer tudo *na hora*: puro jornalismo gonzo. (THOMPSON, 2007: 18, grifos do autor)

Horatio Alger (1832-1899) foi um autor norte-americano muito popular em sua época, que moldou a idéia central do Sonho Americano. Nos livros de ficção que escreveu, eram frequentes histórias de rapazes humildes que conseguiam alcançar a riqueza e o conforto graças à determinação, coragem e trabalho duro. A menção que Thompson faz ao autor, “destruído pelas drogas em Las Vegas”, dá o tom de ironia e de desprezo pelos ideais da classe média norte-americana, bem como reflete a situação de completa ignorância das pessoas com relação ao futuro.

Publicado em 1971, o livro *Medo e delírio em Las Vegas* é bem resumido pelo próprio subtítulo: uma jornada selvagem rumo ao coração do Sonho Americano. Os dois personagens dessa viagem são Raoul Duke e Dr. Gonzo, um jornalista pautado para cobrir uma corrida de motocicletas no meio do deserto e o advogado de formação e caráter duvidosos. Com o porta-malas repleto de drogas, ambos entram e saem de hotéis sem pagar a conta e narram sem a menor cerimônia o cotidiano

decadente de Las Vegas, a cidade das apostas e dos jogos de azar localizada no estado de Nevada, Estados Unidos. Duke deixa a pauta de lado e junto ao Dr. Gonzo sai pelas ruas provocando confusão e disparando comentários ácidos sobre tudo e todos.

As ilustrações de Ralph Steadman contribuíram muito para criar a identidade do livro. O traço agressivo e o nanquim bem marcado, características do estilo do ilustrador, foram muito oportunos para representar a visão alucinógena de Duke e Gonzo da cidade de Las Vegas. Sobre o momento em que foi convidado por Thompson a ilustrar a aventura de *Medo e delírio*, Steadman – que já havia acompanhado o jornalista na “cobertura” da *Kentucky Derby* – relembra:

Era como se eu já soubesse como seria a reportagem. Como se já tivesse estado lá antes. Não era o mesmo lugar, não era o mesmo assunto, eu não estava na mesma pele, mas houve um choque de reconhecimento vindo de uma fonte reprimida. [...] Encharquei a minha pena de aço – agora convertida em arma letal – num caldeirão de bile e, acompanhado de cerveja e uns golinhos de conhaque, comecei o exercício terapêutico de expurgar da minha mente todos aqueles demônios aprisionados que aguardavam convocação para vir à tona. (STEADMAN, 2008: 35)

De acordo com Thompson, *Medo e delírio* pode ser classificado como “um romance de não-ficção, já que quase todo ele é verdade ou de fato aconteceu” (THOMPSON, 2007: 273). O sucesso do livro, no entanto, encobriu a experiência fracassada do jornalista. “Como verdadeiro jornalismo gonzo, [o livro *Medo e delírio em Las Vegas*] não funciona de jeito nenhum – e mesmo se funcionasse, eu não poderia possivelmente admitir. Só um baita lunático escreveria uma coisa dessas e depois alegaria que era verdade” (THOMPSON, 2005: 76) disse anos mais tarde, contradizendo-se.

O “verdadeiro” jornalismo gonzo, no entanto, já tinha sido bem-sucedido anos antes, com a publicação do livro-reportagem *Hell’s Angels*. Após passar um ano com a gangue de motoqueiros de mesmo nome, Thompson conseguiu escrever um relato reconhecido como jornalístico, apesar de as percepções e pensamentos em relação ao grupo estarem impregnadas em todo o texto. “É depois, meu bom Deus, me dei conta de que eu estava bem no meio daquilo, com um bando barulhento de caras legais que nenhum homem poderia renegar... Restos estranhos de um naufrágio na maré cheia, Os Selvagens, Motoqueiros Fora-da-Lei” (THOMPSON, 2004: 121).

O modo como abordou o grupo e a convivência com os motoqueiros foram relatados em detalhes, sob o mesmo ponto de vista de uma pessoa escreve num diário pessoal. As descrições apuradas e as observações individuais deixavam claro o envolvimento com a gangue, que narrava com o conhecimento que só um membro do *Hell’s Angels* seria capaz de ter. No trecho transcrito abaixo, revela a rebeldia típica de um Angel até em situações corriqueiras:

Os foras-da-lei não são articulados quando se trata de falar sobre as forças e as fraquezas do mundo em que atuam, mas seus instintos são perfeitamente aguçados. Eles aprenderam com a experiência que alguns crimes provavelmente serão punidos, e outros não. Um *Hell’s Angel* que quer fazer uma ligação interurbana, por exemplo, geralmente usa um telefone público. Ele coloca dinheiro suficiente para os três primeiros minutos, confirma o sinal da operadora ao final desse tempo e fala por quanto mais tempo ele quiser. Quando finalmente termina, a operadora lhe informa quantas moedas ele deve depositar na caixa preta... mas, em vez de pagar, ele ri, grita obscenidades ao telefone e desliga. Ao contrário do americano trabalhador normal de classe média, o motoqueiro fora-da-lei não possui nenhuma ligação tão forte com o sistema representado pela voz de uma telefonista. Os valores desse sistema são completamente

irrelevantes para ele. Ele não está nem aí, e, além disso, sabe que a companhia telefônica não vai conseguir pegá-lo. Então, ele termina a ligação, ofende a telefonista e vai embora feliz para se acabar por aí. (THOMPSON, 2004: 176)

Conviver com uma gangue de foras-da-lei foi uma experiência única para o autor, mas teve seu preço. “Pouco depois que as revistas de notícias os transformaram em celebridades, eles começaram a falar em ‘ficar rico com isso tudo’, e seu medo de serem esquecidos logo deu lugar a um ressentimento melancólico por estarem sendo ‘usados’ para vender jornais e revistas” (THOMPSON, 2004: 63). No caso de Thompson, a reação recebida foi mais feroz do que mero ressentimento. O autor foi espancado por cinco Angels no Dia do Trabalho de 1966 e foi salvo por outro membro do grupo, que o livrou de ser acertado por uma enorme pedra na cabeça. Conseguiu fugir e relatou o incidente no posfácio do livro. Como resumo de sua experiência, escreveu: “A viagem tinha sido ruim...rápida e violenta em alguns momentos, lenta e repugnante em outros, mas no geral parecia uma overdose” (THOMPSON, 2004: 276).

Rum: diário de um jornalista bêbado foi o primeiro romance escrito por Hunter Thompson e um dos últimos a ser publicado. Inicialmente escrito em 1963, só foi lançado mais de três décadas depois, em 1998. Uma curiosidade sobre o livro é que apesar de contar as desventuras do jornalista em Porto Rico, a foto de capa traz o jovem Thompson descansando em uma praia do Rio de Janeiro, durante o tempo em que foi correspondente no Brasil. Por meio da leitura do primeiro romance, é possível perceber que desde o início de sua inserção no mundo jornalístico, a verve literária pulsava de modo especial. Essa maneira seria mais tarde descrita como “gonzo”. Em *Rum*, identifica-se o profissional em início de carreira e o indivíduo jovem e questionador, a fim de atingir os objetivos sem ter de mudar a personalidade ou “se vender” – desde já um elemento que vai contra a crença do Sonho Americano:

Como a maioria dos outros, eu procurava alguma coisa, vivia em movimento, nunca estava satisfeito e às vezes me metia nas mais imbecis enrascadas. Nunca ficava parado por tempo suficiente para me dar ao luxo de pensar, mas de algum modo sentia que meus instintos estavam certos. Compartilhava uma espécie difusa de otimismo que dizia que alguns de nós estavam realmente progredindo, que estávamos num caminho honesto, e que os melhores dentre nós inevitavelmente chegariam ao topo. (THOMPSON, 2005: 17)

A dúvida provocada no leitor acerca da veracidade dos fatos e da diferenciação entre autor e personagem é uma constante em todas as obras de Thompson, principalmente em *Rum*. É perceptível que o autor fala de si, no entanto, a clareza de consciência e a avaliação do próprio estilo de vida e dos rumos que terá que seguir para atingir suas metas são descritos com a precisão de um narrador-observador:

Fiquei um bom tempo sentado ali, pensando sobre muitas coisas. Principalmente sobre minha suspeita de que meus instintos estranhos e incontroláveis acabariam me passando a perna antes que eu tivesse a chance de ficar rico. Não importava o quanto eu quisesse todas aquelas coisas que só poderia comprar quando tivesse dinheiro. Alguma espécie de repuxo demoníaco me arrastava em outra direção – rumo à anarquia, à pobreza e à loucura. Era uma desilusão enlouquecedora, que insistia em repetir que um homem era capaz de levar uma vida decente sem precisar se vender como uma ovelha negra, um traidor de seus iguais. (THOMPSON, 2005: 167)

Uma das últimas publicações de Thompson foi o livro *Reino do medo*, compilação de textos escolhidos pelo próprio autor e outros escritos como biografia,

na qual revelava detalhes da vida e fazia reflexões acerca de seu modo de agir e pensar. Há curiosidades também. Em uma parte do livro em que explica em detalhes a acusação de abuso sexual, conta que propôs sua própria manchete para o caso: “Polícia de costumes dá batida na casa de jornalista gonzo ‘doidão’; seis investigadores treinados realizam busca de onze horas e encontram apenas migalhas” (THOMPSON, 2007: 348). Em outro trecho da obra, procura esclarecer sua relação mítica com as drogas e como sobreviveu às décadas:

As drogas costumam aprimorar ou fortalecer minhas percepções e reações, para o bem e para o mal. Elas me deram a resiliência para aguentar choques repetidos à minha glândula da inocência. Só a realidade brutal da política já seria provavelmente intolerável sem drogas. Elas me deram força para lidar com aquelas realidades traumáticas que com certeza estraçalham as crenças de qualquer um nos maiores preceitos idealistas de nossa época e no “Século Americano”. Quem pretende segurar a onda por vinte anos – e minha onda é “A Morte do Sonho Americano” – precisa de todas as malditas muletas que puder encontrar. (THOMPSON, 2007: 271)

Reino do medo também estampa de modo direto as opiniões do autor sobre Deus, a situação política dos Estados Unidos e sobre o aspecto mais questionado de sua vida: a própria sanidade. Quando perguntado “De que lado você está?”, responde: “Venho me confrontando com essa pergunta todos os dias, a vida inteira, como se fosse somente mais um formulário a preencher, e na maior parte das vezes selecionei o quadradinho SÃO – pelo menos não estou morto, preso ou tenho uma vida sofrida (THOMPSON, 2007: 40).

O “livro de memórias” de Thompson não poderia ser diferente de tudo o que ele já tinha feito na vida: não se trata de uma biografia com ordem regular, tampouco de um amontoado de crônicas leves e corriqueiras. Cada passagem tem ritmo frenético, narrativa direta e ácida e está recheada de política, sexo, perigo e diversão, embora o autor começasse a sentir-se deslocado. Ainda assim, a empreitada foi satisfatória para o autor. “Gosto deste livro, e gosto especialmente do título, que resume muito bem a sórdida natureza da vida nos Estados Unidos nesses primeiros anos sangrentos do século pós-americano. Somente um idiota ou uma puta poderiam chamá-lo de outra coisa” (THOMPSON, 2007: 22).

Uma noção do jornalismo gonzo foi exposta. Ainda assim, não é conveniente enumerar características ou buscar definições para o estilo de Hunter S. Thompson. Ele mesmo não era muito preocupado com definições. Seria contraditório tentar definir um tipo de jornalismo que ia contra as definições pré-estabelecidas. Mas isso também não importava. “Eu nunca quis que o jornalismo gonzo fosse nada mais do que uma diferenciação do novo jornalismo. Eu meio que sabia que não era isso.” (THOMPSON, 2008, 379). O jornalismo gonzo, portanto, não foi uma estratégia, uma grande articulação cuja meta era a destruição das bases jornalísticas. O autor, que adorava desafiar autoridade, flertar com o perigo e testar os limites da paciência dos conservadores, apenas não sabia – e não queria – escrever de outro jeito. Fosse jornalismo ou fosse literatura, fosse ambos ou fosse nenhum, a sua maneira de escrever era a única maneira possível. E por sorte ou por *timing*, deu certo. “Quando as coisas ficam estranhas, os estranhos viram profissionais”, afirmou.

Mesmo antes de receber a alcunha, o estilo “gonzo” já estava em Thompson. É possível afirmar que nem todo texto gonzo é de autoria de Hunter S. Thompson; mas todos os textos escritos por ele são, propositadamente ou não, gonzo. Ainda assim, se as características se fazem necessárias, o próprio autor as define. “Um bom jornalista gonzo deveria ter o talento de um grande jornalista, o olho de um fotógrafo, e os culhões de um ator, ou seja, viver a ação e reportá-la enquanto – e como – estivesse se desenrolando” (THOMPSON, 1990: 37).

3. Jornalista gonzo – um caçador de tubarões na grande mídia

3.1. *Rolling Stone* e o peixe grande: o caso *Watergate*

Artigo é sinônimo de texto opinativo compatível com jornalismo. Aquele que escreve pode ser ou não jornalista e articula ponto de vista pessoal acerca de determinado assunto. De modo geral, o faz de modo subjetivo, aprofundado e com doses de humor e ironia. Por conta dessas características, não é surpresa que os artigos sejam grande parte do legado de Hunter S. Thompson. Ao longo da vida, escreveu para publicações distintas e todas comportaram seu estilo tresloucado: as de curta duração como a *Scanlan's Monthly* e também as longevas e de ampla tiragem, caso da *Rolling Stone*. Ao lidar de forma íntima com artigos, contribuiu para levar o texto opinativo a um nível mais extremo. O humor ácido e a linguagem literária, somados às histórias nada convencionais e muitas vezes esdrúxulas, são elementos que geram dúvidas acerca da veracidade dos fatos relatados. Tal combinação inusitada é parte essencial da personalidade do autor e motivo principal tanto da atração quanto da repulsa causada por suas linhas.

A relação de quase trinta anos com a revista *Rolling Stone*, publicação símbolo da contracultura, foi benéfica para ambas as partes: o jornalismo indiscutivelmente autoral e anárquico dele ajudou a conferir caráter rebelde e inovador à revista, que por sua vez cedeu espaço para o desenvolvimento da “experimentação gonzo”. A década de 1970 representou o período de contribuição mais constante de Thompson para a *Rolling Stone*. Sempre interessado em política e abastecido por escândalos que envolveram figuras públicas, produziu textos que nada deviam a articulistas renomados. *Medo e delírio em Watergate: O senhor Nixon descontou seu cheque*, conjunto de três artigos publicados juntos como matéria na edição de setembro de 1973, remonta os momentos mais importantes do processo que culminou com a veiculação do escândalo de Watergate⁹, protagonizado pelo então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon:

Não havia muito espaço para um jornalista Gonzo nessa atmosfera altamente sintonizada [...] Os chefões do jornalismo televisivo não são loucos por histórias envolvendo semanas de investigações tediosas com mínimas oportunidades para usar uma câmera – particularmente numa hora em que praticamente todo correspondente de tevê relevante no país estava pautado para aspectos da campanha presidencial, que ainda fervia intensamente quando ocorreu a invasão em Watergate, no dia 17 de junho. As convenções de Miami e o fiasco de Eagleton mantiveram a história de Watergate nos bastidores por todo aquele verão. Tanto as emissoras quanto a imprensa tinham “equipes principais” na rota da campanha até bem depois dos primeiros indiciamentos – Liddy, Hunt, McCord etc. –, em 15 de setembro. E quando chegou o dia da eleição, em novembro, Watergate já parecia uma notícia velha. (THOMPSON, 2004: 74)

A partir do exposto, é possível perceber que o experimentalismo não tinha muito espaço nas eleições presidenciais, a mais importante cobertura política dos

⁹ Nome dado aos acontecimentos que, em 1972, culminaram com a renúncia do Presidente republicano Richard Nixon de seu segundo mandato. Cinco meses antes da eleição, cinco homens foram presos no prédio de Watergate, sede do partido democrata, fotografando documentos oficiais. Por meio de um informante, conhecido como “Garganta Profunda”, ficou provado que os homens eram espões do presidente, que estava praticando atos ilegais contra os adversários eleitorais.

Estados Unidos até hoje. O próprio Hunter Thompson tinha consciência das limitações provocadas pela situação. Seu estilo de reportagem – dependente de observação prolongada, situações inusitadas e aditivos químicos – em nada combinava com a metódica e ágil cobertura dos resultados das votações.

Apesar disso, o envolvimento de Nixon na batalha pela reeleição fez aumentar a vontade de mostrar repúdio pelo candidato. O político, conhecido pela postura conservadora, contrária às drogas, ao comunismo e aos movimentos da contracultura, era alvo constante das críticas impiedosas do jornalista gonzo. Uma das alcunhas mais leves que fazia referência ao líder da pátria nos textos do jornalista era *swine* (porco, em inglês). A atitude de xingar o presidente baseado nas próprias convicções políticas não era gratuita; tratava-se de maneira extrema de expor opinião. Percebe-se então que desrespeito às convenções é um dos diferenciais que, embora impensável no jornalismo tradicional, está claramente presente na vertente gonzo.

Na primeira parte da matéria, também narra relação amistosa com o redator dos discursos de Nixon, Pat Buchanan, a quem conheceu antes do primeiro mandato do presidente. A conexão entre Thompson e Buchanan, que em todos os aspectos se assemelha a uma contradição, é exemplo de como o inusitado era parte da vida do autor. O relacionamento não só ajudou a reforçar no jornalista a antipatia pelo político, como provou que seu interesse em reportar a política estadunidense de modo eficaz (mesmo que muitos duvidassem disso) ia até o ponto de compartilhar algumas garrafas de bebida – coisa importante para o repórter gonzo – com um dos aliados mais importantes de seu desafeto:

Meu relacionamento com Buchanan começou em 1968, nas primárias de New Hampshire, quando Nixon ainda estava começando a ressurgir politicamente. Uma noite passamos umas oito horas num quarto de hotel de Boston, matando um litrão de [uísque] Old Crow e discutindo nervosamente sobre política. Se me lembro bem, eu ficava perguntando por que uma pessoa que parecia ter bom senso andava junto com Nixon. Já ficou claro ali que o Buchanan me considerava louco de pedra. O fato de eu considerar Nixon um vagabundo inútil sem chance de ganhar nada, mais do que qualquer coisa parecia diverti-lo. (THOMPSON, 2004: 78)

O jornalista tinha bons contatos, olho clínico e espaço em uma das revistas mais lidas pelos jovens dos Estados Unidos. No entanto, nem tudo eram flores. Como qualquer publicação, a *Rolling Stone* tinha interesses comerciais – que tornaram-se tão grandes a ponto de causar o quase desaparecimento do caráter contestador na atualidade – e prazos a cumprir, o que nem sempre ia de encontro ao *modus operandi* do jornalismo gonzo. A segunda parte da matéria revela que a relação da editoria com o jornalista era compreensiva, mas não permissiva. A nota transcrita abaixo, de autoria do editor Jann S. Wenner, aparece quase como um pedido de desculpas ao leitor antes da continuação da matéria. O parágrafo elucida tanto o modo de trabalho de Thompson e do ilustrador Ralph Steadman, companheiro inseparável nas “coberturas gonzo” daquela década, quanto o posicionamento nem sempre favorável da revista diante da cobertura nada tradicional dos dois contratados.

A nota também é claramente um puxão de orelhas aos dois, que mais tarde sentiriam no bolso as consequências de não seguir formalidades: ambos tiveram os devidos cheques de pagamento sustados e, tal como assegura Wenner, o texto final

não foi sequer concluído por Thompson, mas editado a partir de todo o material que colheu durante a campanha. A matéria *Medo e delírio em Watergate*, com textos na íntegra, pode ser encontrada no livro *A grande caçada aos tubarões*, lançado no Brasil pela editora Conrad:

Devido a circunstâncias que fogem ao nosso controle, a seção a seguir foi concluída de última hora, a partir de um calhamaço de três quilos contendo documentos, blocos de anotações, memorandos, gravações e conversas telefônicas secretamente registradas com o doutor Thompson durante um mês vagando por Washington, Nova York, Colorado e Miami. Seu “plano a longo prazo”, ele afirma, é “refinar” esses métodos enervantes de alguma forma e acabar criando “um tipo inteiramente novo de jornalismo”. Nesse meio tempo, suspendemos seu pagamento mensal e cancelamos seu cartão de crédito. Durante um período de quatro dias em Washington, ele destruiu dois carros, rachou uma parede no [hotel] Washington Hilton, comprou duas trompas de 1.100 dólares cada e atravessou uma porta de vidro num restaurante turco. Para agravar o problema, tivemos a presença em Washington, pela primeira vez, de nosso artista Ralph Steadman – um bebedor contumaz com pouca ou nenhuma consideração por protocolo ou convenções sociais. Em sua primeira visita à Sala de Audiências de Watergate, ele foi expulso pela polícia do Capitólio depois de derramar cerveja num monitor de tevê e derrubar [o senador] Sam Ervin no chão enquanto tentava agarrar um microfone para dar uma declaração sobre “a podridão da política americana”. Somente a oportuna intervenção do correspondente do *New York Post*, John Lang, impediu Steadman de ser permanentemente barrado da Sala de Audiências. (THOMPSON, 2004: 88)

O último artigo – ou terceira parte da matéria – situa Thompson já no ano de 1973, quando argumenta sobre as audiências de Watergate e reflete sobre o futuro político de Richard Nixon. O sarcasmo típico se mistura ao patriotismo ferido quando escreve: “Tudo o que este homem [...] deixou é uma economia nacional em frangalhos e uma derrota desastrosa numa guerra que podia ter terminado [...] em condições muito melhores que as conseguidas por ele” (THOMPSON, 2004: 110). Para arrematar seu ponto de vista raivoso sobre o ex-presidente, compara os atos ilegais cometidos a faltas graves do futebol americano:

Malandros que jogam sujo não duram muito tempo no futebol americano profissional. Aleijar alguém intencionalmente é violar o mesmo tipo de código da lendária “honra entre ladrões”. Mais *linebackers*¹⁰ do que ladrões acreditam nisso, mas quando o assunto é política – ou 28 anos de uma carreira de golpes baixos, mentiras e ladroagem – não existe um só homem nos Estados Unidos que entenderia o que está acontecendo consigo melhor do que Richard Milhous Nixon. Ele é um verdadeiro monumento vivo à velha regra do Exército que diz: “O único verdadeiro crime é ser apanhado” (THOMPSON, 2004: 115)

A mistura de temas aparentemente divergentes, como a política e o esporte, encontram espaço nas linhas de Hunter S. Thompson, não raro oriundas de anotações bagunçadas em caderninhos de bolso e divagações entorpecidas escritas em guardanapos de bar. Os podres já expostos da política são inflamados pela verve nacionalista, o inusitado ganha lentes de aumento fornecidas pelo uso de drogas e o embate com a indústria da informação é inevitável. Tais procedimentos são inadequados para uma cobertura tradicional, onde a informação impessoal e em “tempo real” é mais importante. À sua maneira, extrema demais até para uma revista de contracultura, o repórter provou que jornalista gonzo podia não só cobrir política como traçar um panorama lúcido sobre um escândalo nacional.

¹⁰ Um *linebacker* é um jogador integrante da segunda linha de defesa de um time de futebol americano e que protege frontalmente o campo dos ataques do time adversário.

3.2. Tubarões na *Playboy*

A edição de dezembro de 1974 da revista *Playboy*, famosa publicação norte-americana direcionada ao público masculino, trouxe uma grande matéria de Hunter S. Thompson sobre a cobertura do Terceiro Torneio Anual Internacional de Pesca de Cozumel, ilha situada no mar caribenho e pertencente à província do México. O lugar, atraente para os apreciadores da prática de mergulho, foi pautado para Thompson como tentativa de melhorar seu humor após a desgastante cobertura da campanha presidencial de 1972. “Quase todo mundo que teve a infelicidade de lidar comigo desde que a campanha terminou parecia convencido de que eu estava realmente precisando de umas férias – um período para esfriar, uma chance de baixar a bola” (THOMPSON, 2004: 212).

O fato de ser um correspondente da revista *Playboy* impressionou os nativos da região, que o chamavam de “senhor *Playboy*”, e lhe proporcionou certas regalias. O tratamento vip, entretanto, não impediu que o repórter manifestasse seu lado selvagem e revelasse o real interesse de sua cobertura na ilha: “Eu tinha vindo até Cozumel [...] para cobrir não apenas um torneio de pesca, mas toda uma *cultura*. A pesca esportiva atraía certo tipo de pessoa. E era o comportamento dessas pessoas – não a pescaria – que me interessava” (THOMPSON, 2004: 216). As pessoas a que Thompson se referia eram os donos de embarcações de luxo – e suas atitudes nos eventos patrocinados pelo torneio. O modo de agir das pessoas em muito se assemelhava ao comportamento da alta sociedade do Kentucky e a descrição do torneio feita do pelo autor é tão inconsequente quanto aquela contida no artigo *A Kentucky Derby é decadente e depravada*. Os milionários da pesca e os caipiras ricos do Kentucky faziam parte da mesma “cultura” que ele queria retratar, e assim o fez sem cerimônia, como é possível observar no parágrafo abaixo:

Quase todo mundo ali estava caindo de bêbado quando anoiteceu, e a malha fina da feiúra não funcionava bem. Ali estavam todos aqueles pescadores de peso – empresários bem-sucedidos da Flórida, em sua maioria – rosnando e respondendo grosseiramente uns para os outros como lutadores de rua do East Harlem na véspera de uma batalha muito esperada. [...] Pessoas andavam desajeitadas pela areia com pratos cheios de macarrão frio e molho de camarão. De vez em quando, alguém puxava uma das tartarugas gigantes do tanque no pátio e a jogava na cara de algum transeunte de olhos vermelhos. Gargalhavam descontroladamente, segurando o bicho com dificuldade, suas enormes nadadeiras verdes se sacudindo freneticamente no ar e borrifando água estagnada de tartaruga em todo mundo num raio de 30 centímetros...”Aqui, quero te apresentar pra minha amiga! Ela faz um serviço bacana na sua pica. Tá com muito tesão?” (THOMPSON, 2004: 221)

A viagem, que tinha sido feita com o intuito de “relaxar” e expandir os horizontes das matérias, havia se tornado uma espécie de reprise da decadência presenciada nos Estados Unidos, só que em ambiente paradisíaco. Em Cozumel, Thompson continuou a criticar de maneira pontual os Estados Unidos e a apontar o lado podre da riqueza tão perseguida pelos compatriotas. “Na verdade, nem cheguei a pescar nessa viagem. Mas o tom de baixaria generalizada dessa festa ficou na memória – uma caricatura viva do branco cafona e escroto descontrolado em terra estrangeira” (THOMPSON, 2004: 218).

Para o leitor especificamente preocupado com o grau de veracidade das histórias relatadas, cabe a afirmação de que nem mesmo o próprio autor sabe informar isso com precisão. Em dois trechos da matéria, o uso de drogas é claramente a causa das incertezas do autor. No primeiro, a consciência de Thompson se mostra afetada com relação ao senso de localização:

Jesus, pensei, estou muito lesado da cabeça. Onde estou? Estamos subindo ou descendo? Em algum lugar do meu cérebro, eu sabia que estava sentado num jipe no estacionamento de uma boate numa ilha perto da costa mexicana. Mas como eu poderia ter certeza, com a outra parte do meu cérebro aparentemente convencida de que eu estava olhando para a enorme bacia reluzente de Los Angeles da cabine de um 727? Era a Via Láctea? Ou Sunset Boulevard? Orion ou o hotel Beverly Hills? (THOMPSON, 2004: 223)

No segundo trecho, as consequências da confusão causada pelas drogas, como problemas de relacionamento com as fontes e o desconhecimento a respeito do evento em si, já estão explicitadas e em vias de causar problemas para a conclusão da matéria:

...e depois de uma semana de crescente isolamento dessa cultura que eu deveria estar “cobrindo”, eu precisava encarar a sombria e feia verdade de que a “minha matéria” tinha ido por água abaixo. Não apenas o pessoal dos barcos me desaprovava radicalmente, mas a maioria deles nem acreditava mais que eu estava trabalhando para a *Playboy*. Tudo que sabiam, com certeza, era que havia algo muito estranho e fora do eixo, para dizer o mínimo, comigo e meus “assistentes”. De certa forma isso era mesmo verdade, e essa sensação de estranhamento de ambos os lados foi agravada, no nosso, por uma paranóia galopante induzida pelo uso de drogas. A cada dia que passava, ela foi conduzindo cada pequeno incidente a um limite repugnante e amedrontador. A sensação paranóica de isolamento já era ruim o bastante – em conjunto com a tentativa de viver em dois mundos totalmente diferentes ao mesmo tempo – mas o pior de tudo era o fato de ter perdido uma semana com essa maldita matéria e ainda não ter a mais vaga noção de qual era a sensação da pesca em alto-mar (THOMPSON, 2004: 229)

A cobertura do Torneio de Pesca de fato foi por água abaixo, em parte pela pauta “insanamente tediosa”, em parte pela aventura a que Thompson se propôs com o objetivo de caçar tubarões à noite. Daí o título da matéria, *A grande caçada aos Tubarões*. “Foi a sensação meio louca de frustração que me levou [...] a pescar tubarões comedores de gente à noite. Parecia a única maneira de conseguir algo genuíno [...] pescar uma fera que arrancaria fora sua perna se você cometesse o mínimo erro (THOMPSON, 2004: 230). Após a fuga completa da pauta, o jornalista termina a matéria relatando a sequência de “trapalhadas paranoicas e pequenas humilhações do tipo que depois assombram você por muitas semanas” (THOMPSON, 2004: 250) durante a volta para os Estados Unidos.

Abandono da pauta proposta, aversão declarada pela classe dominante e uma narrativa construída com ajuda de elementos incomuns ao texto jornalístico, bem como o uso de palavrões, coloquialismos e termos de referência sexual (este último talvez apropriado para uma revista que publica ensaios de nudez) são comuns no jornalismo gonzo. O leitor que espera ler reportagem detalhadamente imparcial sobre o evento de pesca pode se decepcionar – mas é fato que os peixes mostrados por Hunter Thompson se mostram maiores e mais perigosos do que os objetos da competição.

3.3. Peixe fora d'água

Em seus últimos anos de vida, Thompson assinou uma coluna para o site esportivo ESPN.com. Ao todo, contribuiu com 124 textos para o site entre 2000 e 2005, ano em que faleceu. Embora o mote das colunas escritas para o site fosse esporte, grande paixão do autor, ele continuou a adicionar outros temas às poucas linhas a que tinha direito na Page 2, uma das seções para textos autorais dentro do site. Em *Delírios sexuais e o Super Bowl (Sex Frenzies, and the Super Bowl)*, que foi ao ar no site em 24 de agosto de 2004, escreve sobre aventuras sexuais que um amigo teve durante os Jogos Olímpicos de Atenas e consegue fazer conexão entre *speed*¹¹, o ditador alemão Adolf Hitler e o *Super Bowl*, o mais importante jogo da final do campeonato de futebol americano, transmitido ao vivo em rede nacional nos Estados Unidos:

A Segunda Guerra Mundial nunca teria acontecido se Hitler não tivesse descoberto o *speed*. Quando ele descobriu como ficar acordado e completamente dominante por 99 ou 100 horas seguidas, seus inimigos sabiam que estavam amaldiçoados. Ah, lembranças, lembranças. Onde está a neve do ano passado? *Ou sont ils neiges d'antam?* O que nos traz, pelo menos, a horrores mais solúveis do nosso tempo, esses primeiros anos bichinhas de nosso século pós-americano. Whoops. Estamos fazendo divagações. Vamos focar mais uma vez no que é real nessa vida, como o Super Bowl – o que me parece como um [jogo entre os times] Colts x Eagles. Por quê não? Eles são dois dos times mais velozes da liga, e velocidade[*speed*] vai ser fator decisivo esse ano. “Você pode ensinar tudo sobre jogo a um garoto”, disse Al Davis [...] “mas você não pode ensinar velocidade”. Al era esquisito naquela época, e ainda é. Mas o [time] Oakland Raiders vai ser uma droga esse ano e os Denver Broncos também. Ambos vão sofrer de falta de velocidade nos times, e ambos têm jogadores ruins. Nada de desempate pra esses bastardos. Eles vão sucumbir. Não aposte neles. (THOMPSON, 2004)

O último texto escrito por Thompson para o site foi publicado um dia depois de sua morte, 21 de fevereiro de 2005, não por coincidência sob o título *A diversão acabou*. Caso tivesse sido publicado antes do suicídio, a coluna não passaria, para um leitor desatento, de uma reclamação sobre o fim da temporada de basquete. No entanto, dadas as circunstâncias, as linhas são bem mais reveladoras na descrição dos sentimentos provocados pelo último jogo de basquete assistido pelo jornalista e seus amigos no “quartel-general”, a cozinha da casa de Woody Creek. “Existem muitas lições duras para ser aprendidas com a experiência das apostas, mas a mais dura delas é a diferença entre se divertir e ser esperto. É a diferença entre ganhar e perder [...] e o jogo de sábado foi uma lição para os perdedores amantes da diversão”. (THOMPSON, 2005)

É certo que os amigos do jornalista afirmam que ele não sofria de depressão, mas as primeiras linhas do texto revelam o desencanto típico daqueles que pretendem antecipar o fim do jogo. Enquanto narra os momentos difíceis da partida e descreve a expressão nos rostos dos amigos que haviam apostado no time perdedor, Thompson critica os tempos modernos e os hábitos “idiotas” dos americanos, que não raro envolvem apostas que têm mais chances de dar errado:

Ninguém se sente culpado por coisas que acontecem no sábado – nem mesmo aqueles que voam para Las Vegas e se casam à meia-noite com um juiz que acha que é o Elvis e que bolina a

¹¹ *Speed* (em inglês, “velocidade”) é o nome dado à metanfetamina, tipo de droga estimulante que pode ser tomada em comprimidos, injetada ou inalada.

noiva enquanto fala. Mas que porra? Acontece de acordo com o lugar, hoje em dia. Nós somos pessoas modernas e gostamos de fazer coisas modernas. Ho-ho. Isso é bobagem perigosa em alguns círculos, e a fraternidade das apostas é um deles. Não há nada de moderno em fazer coisas imbecis por razões imbecis, e nada de novo em sentimentos de culpa e desgraça que surgem em pessoas que pensam que “diversão” é apostar contra o Duke em um jogo de basquete peso-pesado que aparece no último sábado da temporada [...] Eu dou minha palavra por isso. (THOMPSON, 2005)

A crítica aos Estados Unidos acompanhou o jornalista até o bilhete de suicídio e não seria diferente com o último texto de trabalho. Embora a atitude não pareça condizente com um patriota, Hunter S. Thompson sempre fez questão de mostrar nos textos que, de acordo com o seu ponto de vista, as coisas não andavam bem e ninguém parecia se importar. Sempre alerta, crítico e provocador, sentia falta da energia da juventude física que lhe faltava. Nem mesmo as drogas, que funcionavam tanto como estimulante para a diversão quanto refúgio para os tempos adversos, pareciam fazer com que houvesse saída menos tediosa para a época de apostas baixas. O último parágrafo da coluna para o site revela um rebelde cansado de lutar contra o Sonho Americano. A frustração gerada pela inadequação e a mágoa por se sentir menor do que a ilusão fútil da classe média foram comparadas à sensação de derrota numa partida decisiva. De fato, a diversão havia terminado. Hunter (que além de nome próprio também significa “caçador” em inglês) sentia-se como um peixe fora d’água em meio à apatia vigente. Não havia, portanto, motivos para continuar apostando:

Mas e daí? Tudo o que importa no negócio das apostas de esportes é o placar no fim do dia, e se você não ganhar duas em três partidas, é hora de deixar o negócio. Vão te chamar de um perdedor sem esperança e sua mulher vai preencher os papéis do divórcio. Homens estranhos de terno preto vão aparecer e arrombar sua porta à noite. Esse é o destino dos perdedores neste país. (THOMPSON, 2005)

Conclusão

Hunter S. Thompson foi uma das figuras mais controversas do jornalismo norte-americano. Excêntrico, louco, drogado e irresponsável são alguns dos adjetivos que lhe foram atribuídos durante toda a vida. No entanto, nem todos os rótulos eram pejorativos. Um homem visionário, único, rebelde e genial são elogios também atribuídos à sua personalidade nada convencional. Todos os adjetivos são cabíveis, mas nenhum deles é devidamente apropriado para o homem, que entre outras façanhas, criou um estilo de narrativa liberal dentro de uma modalidade completamente formal: a reportagem. O trabalho que realizou tornou-se perfeita tradução do estilo de vida que levou, e atraiu tantos fãs quanto desafetos. Os textos que criou bastam-se, bem como o indivíduo que era. Sendo assim, não há definição melhor para o autor do que a alcunha que ele próprio incorporou: gonzo.

Gonzo por diversos motivos: por ser amante das substâncias ilícitas e sobreviver a décadas de abuso; por impregnar personalidade nas reportagens e tornar-se o narrador-personagem de histórias que se misturam descaradamente com a própria visão explícita da sociedade; pela coragem de criar uma narrativa que contrariou todas as regras estabelecidas e ainda assim encontrou espaço nas principais publicações da grande mídia dos Estados Unidos, como a revista do jornal *The New York Times*; e, finalmente, por colocar fim no estilo mais vibrante e cáustico de jornalismo que a América já viu, no exato momento em que aproximou a pistola Magnum .44 de sua cabeça, encerrando assim uma vida de 67 anos – 17 anos a mais do que ele jamais gostaria de ter vivido, de acordo com o bilhete de suicídio.

A importância da obra de Hunter S. Thompson, esteja na forma de reportagens, artigos, colunas ou livros, reside no feito de ter adicionado personalidade a um texto que tem por regra a impessoalidade. O jornalismo gonzo só existiu em Thompson e por meio dele – ambos são inseparáveis. Sua escrita serviu e ainda serve de inspiração para diversos jornalistas que, teimosos, buscam alternativas ao jornalismo padronizado e considerado sério e imparcial. No entanto, o espaço para jornalistas audaciosos não é muito amplo no jornalismo tradicional brasileiro. Quem quiser garantir o emprego deve seguir a cartilha e não se aventurar em matérias demasiadamente autorais, que devem ser deixadas para o fim da carreira.

A ficção se confunde com a realidade nos textos de Hunter S. Thompson e ele mesmo admitiu, em entrevista à revista *Rolling Stone*, que de sua parte o objetivo maior sempre foi a ficção; o jornalismo era apenas uma ponte para alcançá-lo. Ainda assim, não conseguiu exercer nem ficção nem jornalismo como mandam as respectivas cartilhas. O posicionamento, sempre velado nos jornais para “dar espaço ao leitor”, era escancarado por ele. A imparcialidade acabava no primeiro gole de uísque. Os limites do relacionamento entre repórter e reportados eram tão tênues quanto uma nuvem de fumaça que saía constantemente dos cigarros da piteira que utilizava. A constante dúvida que paira em seus relatos – será que isso aconteceu mesmo?,

pergunta-se o leitor – é, de certa forma, a benção e a maldição de seus textos. Esse elemento – encantador para uns e repelente para outros – fazia de suas linhas muito reais para ser literatura e muito subjetivas para ser jornalismo.

Ao mostrar os podres da política e da alta sociedade, Hunter S. Thompson demonstrou não se deslumbrar com poder e dinheiro. Nada o impedia de apurar tudo à sua maneira nem de zombar despreocupadamente – tanto no comportamento debochado quanto nas linhas digitadas freneticamente na máquina de escrever – o estilo de vida tão sonhado pelos americanos. Em muitos textos, o autor parece simplesmente grosseiro, irresponsável e totalmente não-patriota. Porém, é importante observar que o verdadeiro patriota é aquele que reconhece que o seu país está longe de ser perfeito e aponta falhas que devem ser corrigidas. O destaque dado à corrupção política, à decadência da alta sociedade e aos preconceitos dos norte-americanos com relação aos países estrangeiros, mostra um indivíduo preocupado com o caminho torto pelo qual os Estados Unidos insistiam em seguir. Um arruaceiro preocupado ao mesmo tempo com a ordem e com o direito dos loucos e foras-da-lei serem como são. Em sua cabeça, isso parecia perfeitamente possível.

Os mais céticos e intransigentes preferem afirmar somente que jornalismo gonzo não é jornalismo. Tal reação é bem-vinda, proveniente do incômodo que o jornalista queria causar. No entanto, a prática do jornalismo não é ciência – é o ato de reportar fatos ocorridos. A alternativa criada por Hunter S. Thompson foi um clamor vibrante de independência e individualidade, que serve de alerta contra a caretice. A marca deixada no jornalismo por Thompson pode ser exaltada ou preterida, mas não pode ser ignorada. Àqueles que buscam novas alternativas para o fazer jornalístico, inspirar-se no nome mais livre e imprevisível do jornalismo norte-americano pode ser um bom começo.

Referências

Documentários

EWING, Wayne. *When I Die*. Direção de Wayne Ewing. 2005. DVD / NTSC, 60 min. Color.

GIBNEY, Alex. *Gonzo: The Life and Work of Dr. Hunter S. Thompson*. Direção de Alex Gibney. 2008. DVD / NTSC, 120 min. Color.

THURMAN, Tom. *Buy the Ticket, Take the Ride: Hunter S. Thompson on film*. Direção de Tom Thurman. 2006. DVD / PAL, 77 min. Color.

Filmes

GILLIAN, Terry. *Medo e delírio (Fear and Loathing in Las Vegas)*. [Filme-vídeo] Direção de Terry Gillian. 1998. VHS / NTSC, 118 min. Color.

LINSON, Art. *Uma espécie em extinção (Where the Buffalo roam)*. [Filme-vídeo] Direção de Art Linson. 1980. VHS / NTSC, 96 min. Color.

Internet

BRINKLEY, Douglas. *Football Season is Over*. Disponível em:
<http://www.rollingstone.com/news/story/7605448/football_season_is_over> Acessado em 27 de setembro de 2009

THOMPSON, Hunter S. *Sex frenzies, and the Super Bowl*. Disponível em:
<<http://sports.espn.go.com/espn/page2/story?page=thompson/040825>> Acessado em 10 de outubro de 2009

THOMPSON, Hunter S. *The fun stopped*. Disponível em:
<<http://proxy.espn.go.com/espn/page2/story?id=1996491>> Acessado em 10 de outubro de 2009.

Livros

AMARAL, Luiz. *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra / DC Luzzatto, 1996.

CHILLÓN, Albert. *Literatura y periodismo: una tradición de relaciones promiscuas*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Servei de Publicacions [etc], 1999.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Fernando Antônio. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo: Annablume - FAPESP, 2002.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

THOMPSON, Hunter S. *Songs of the Doomed: More Notes on the Death of the American Dream*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1990.

THOMPSON, Hunter S. *Medo e delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do Sonho Americano*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007.

THOMPSON, Hunter S. *Hell's Angel's: medo e delírio sobre duas rodas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

THOMPSON, Hunter S. *A grande caçada aos tubarões: histórias estranhas de um tempo estranho*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

THOMPSON, Hunter S. *Rum: diário de um jornalista bêbado*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

THOMPSON, Hunter S. *Reino do Medo: segredos abomináveis de um filho desventurado nos dias finais do século americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TRAQUINA, Nelson (org.). *O estudo do jornalismo no século XX*. Porto Alegre: Unisinos, 2001.

WENNER, Jann S.; LEVY, Joe. *Rolling Stone: As melhores entrevistas da revista Rolling Stone*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008

WENNER, Jann S.; SEYMOUR, Corey. *Gonzo: The Life of Hunter S. Thompson*. New York: Back Bay Books, 2007

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Periódicos

STEADMAN, Ralph. *Delírio da era gonzo*. *piauí*. São Paulo/Rio de Janeiro. No. 20. P. 30-40. Maio, 2008.

STEADMAN, Ralph. *A brincadeira acabou*. *piauí*. São Paulo/Rio de Janeiro. No. 21. P.16-25. Julho, 2008.

Anexo

